

EDITORIAL

Paulo Fagundes Visentini¹

Os Estados Unidos, depois de rotularem muitos líderes estrangeiros desafetos de “populistas”, agora têm o seu próprio, Donald Trump, cujas ações erráticas no plano internacional causam incertezas até mesmo entre alguns de seus apoiadores. Em sua última entrevista, antes de falecer, Zbigniew Brzezinski perdeu sua habitual elegância e disse, sobre a política externa do presidente Trump: “Não entendo a política externa de Donald Trump. Não vejo um sentido nem um conjunto de objetivos a serem alcançados, ou quaisquer advertências contra perigos potenciais a serem enfrentados. E seus discursos não fornecem nenhuma visão geral sobre isto. Além disso, acredito que seus subordinados, por esse motivo, estão muito limitados em sua capacidade de exercer qualquer influência construtiva”².

Então, quando nem os Estados Unidos da América apresentam uma estratégia definida, a crise que agita o mundo há quase uma década ganha uma nova dimensão, qualitativamente mais grave. Mas Trump tem uma lógica. Segundo o analista André Araújo, “ele é um ponto fora da curva da normalidade, [...] não faz parte do establishment, [...] não tem experiência ou inteligência política, e vai causar muita confusão antes de ser derrubado por afronta à Constituição. Todavia, ele existe por uma razão concreta. A globalização trouxe benefícios a uma camada social dos EUA e imensos prejuízos à outra. Ao contrário do que pregava o Consenso de Washington, a globalização é um processo desequilibrado e pouco eficiente. Trump é o resultado do fim de um sonho, mas não a solução para revivê-lo”.

Enfim, é um presidente antiglobalização, governando a maior potên-

¹ Professor Titular do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em História Econômica pela USP e Coordenador do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais. E-mail: paulovi@ufrgs.br.

² Tradução nossa.

cia do mundo, com todas as contradições que tal visão implica. Curiosamente, os processos de ruptura ocorrem, geralmente, onde menos se espera: um impulso anti-globalista vindo da Casa Branca, com políticas erráticas.

Diante de tal conjuntura, o décimo primeiro número da AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, privilegiou o tema da Segurança Internacional na Oceania, na África e no Brasil, além de trazer artigos de Teoria e de História das Relações Internacionais. As Forças Armadas Brasileiras, por exemplo, têm buscado um diálogo intenso com a academia e com a sociedade, e que aqui é representado em vários artigos.

Agradecemos ao Programa de Apoio à Editoração de Periódicos (PAEP) da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS pelo apoio para edição, tradução e impressão da revista. Da mesma forma, agradecemos a toda equipe do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT) que trabalhou no processo de edição e tradução, em particular os Editores Assistentes Guilherme Thudium e Diego Luís Bortoli, e à Maria Gabriela Vieira pela Capa e Diagramação. Por último, nosso agradecimento à professora Cristina Soreanu Pecequilo pela revisão dos artigos em inglês.